



**PRIMEIRA
PEREGRINAÇÃO**

reminiscências

Caio Porfirio Carneiro

CAIO PORFÍRIO (de Castro)

CARNEIRO nasceu a 1º de julho de 1928, em Fortaleza, Ceará. Dedicou-se muito moço ao jornalismo, na terra natal. Bacharelou-se em Geografia e História pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza. Transferiu-se para São Paulo em 1955. Trabalhou, de início, na imobiliária de um irmão e foi redator de programas da Rádio Piratininga. Durante vinte anos foi encarregado do setor do interior da Editora Clube do Livro Ltda. E desde 1963 é secretário administrativo da União Brasileira de Escritores de São Paulo. Sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, do PEN CLUBE de São Paulo, da Academia Paulistana de História, da Unión Cultural Americana (Buenos Aires) e sócio-correspondente da Academia Cearense de Letras. Colabora nos principais suplementos literários do País, com ficção e crítica literária. Assinou a apresentação de dezenas de obras, dos mais diversos gêneros. Alguns dos seus livros alcançaram várias edições. O romance *O Sal da Terra* foi traduzido para o italiano e árabe e adaptado para o cinema. Contos seus estão incluídos em duas dezenas de antologias do gênero e traduzidos para o espanhol, italiano, alemão e inglês. Ganhou vários prêmios literários e pronunciou dezenas de palestras e conferências na capital paulista, interior e outros Estados.

Primeira Peregrinação é o capítulo inicial de suas reminiscências, que continuarão em outros livros.

DO AUTOR

- TRAPIÁ - contos, 1961.
O SAL DA TERRA - romance, 1965.
BALA DE RIFLE - novela policial, Folhetim in *Última Hora*, SP, 1965.
OS MENINOS E O AGRESTE - contos, 1969.
DO CANTOCHÃO À BOSSA NOVA - ensaio sobre música popular brasileira - Boletim Bibliográfico Brasileiro, SP, 1970.
UMA LUZ NO SERTÃO - romance-reportagem, 1973.
O CASARÃO - contos - 1975.
CHUVA (OS DEZ CAVALEIROS) - contos, 1977.
O CONTRA-ESPELHO - contos, 1981.
10 CONTOS ESCOLHIDOS - 1983.
VIAGEM SEM VOLTA - contos, 1985.
PROFISSÃO: ESPERANÇA - lit. juvenil, 1985.
QUANDO O SERTÃO VIROU MAR... - lit. juvenil, 1986.
DA TERRA PARA O MAR, DO MAR PARA A TERRA - lit. juvenil, 1988.
TRÊS CAMINHOS - novela, 1988.
DIAS SEM SOL - novela, 1988.
RASTRO IMPRECISO - poesia, 1988.
A OPORTUNIDADE - novela, 1988.
OS DEDOS E OS DADOS - contos, 1989.



Estas reminiscências alcançam período curto de minha vida: dos três (provavelmente dos três) aos seis anos de idade. Todo o percurso da chamada segunda infância. Início o trabalho pinçando a lembrança mais remota que guardo na memória, e alcanço o ponto de chegada no retorno, em 1934, à casa onde nasci, à Rua 24 de Maio, 438, em Fortaleza.

Caio Porfírio Carneiro

JOÃO
SCORTECCI
EDITORA

Do caso
Vilto, grande alego
de
5/10/94

**PRIMEIRA
PEREGRINAÇÃO**

reminiscências



Caio Porfirio Carneiro

**PRIMEIRA
PEREGRINAÇÃO**

reminiscências

**JOÃO
SCORTECCI
EDITORA**

1994

**JOÃO
SCORTECCI
EDITORIA**

Caixa Postal 11481 - São Paulo - SP - CEP 05422-970
Telefones: (011) 210 1179 e 210 6501

JS 1669 - Março de 1994 - 1ª edição
Copyright - Caio Porfírio Carneiro

Projeto Gráfico:
Aluysio Mendonça Sampaio

"Nada guardo da viagem. Cenas dispersas, enganosas, por mais que force a memória. Ficou-me apenas, numa parada (era uma cidade), a figura um tanto gorda de um homem segurando a mão de uma menina e, com cuidado, procurando fazer com que ela lentamente subisse os degraus de entrada de uma bonita casa."

(Do Texto)

Para essa menina, hoje mulher, que, se viva, terá aproximadamente a minha idade - estas lembranças.

Estas reminiscências alcançam período curto da minha vida: dos três (provavelmente dos três) aos seis anos de idade. Todo o percurso da chamada segunda-infância. Início o trabalho pinçando a lembrança mais remota que guardo na memória e alcanço o ponto de chegada no retorno, em 1934, à casa onde nasci, à Rua 24 de Maio, 438, em Fortaleza.

Apesar do espaço de tempo tão curto e da idade tão tenra, tenho dessa época lembranças vivas, provavelmente porque coincidem com a derrocada financeira total do meu pai, que já se esboçava antes do meu nascimento. Papai foi bem rico, cavalheiro refinado, culto. E abri os olhos para o mundo para assistir sua tragédia. A idade não permitia que a alcançasse em sua extensão, mas me ficaram, da época, recordações esparsas indelévels.

O roteiro segue esta peregrinação: da casa onde nasci ao chalé, construído por meu pai nos fundos do quintal, frente para a Rua Tristão Gonçalves; de lá para o sítio Pabussu, em Soure (Caucaia), onde meu velho se meteu com vasta plantação de mandioca e onde a seca de 1932 lhe foi cruel; a volta a Fortaleza, para casa alugada na mesma Rua 24 de Maio, um quarteirão além da outra onde nasci; a volta ao chalé; do chalé para a fazenda Pau Caído, dos avós paternos; retorno a Fortaleza, onde fomos alojados numa pensão familiar; de lá para casa alugada na Avenida D. Manuel; a seguir, uns poucos

dias em casa ampla, na Rua Senador Pompeu; a volta, enfim, à casa onde nasci. Toda essa correria da família, buscando fugir das aflições econômicas, no espaço de tempo apenas de três ou quatro anos.

A família já era numerosa: meus pais, Dedé (querida agregada da família) e oito filhos. Depois dos meus seis anos nasceriam Ricardo e João Batista, em outra casa alugada, na Praça São Sebastião. Eis porque não aparecem nestas minhas dispersas e longínquas recordações.

Tudo aqui são verdades que guardei, talvez algumas delas deformadas pela minha pouca idade. Mas vão assim, sem a ajuda dos irmãos mais velhos, porque assim ficaram nos escaninhos da memória.

Vivi uma vida comum, semelhante a tantas outras da classe média pobre da Fortaleza do meu tempo. Meus livros serão o meu legado. Este, de poucas páginas, em edição reduzidíssima fora do comércio, circulará apenas no seio da família e entre os amigos mais próximos.

Eu sentia, há muito tempo, necessidade interior de trazer ao vivo estas primeiras lembranças.

Aí estão.

São Paulo (capital), 12.7.89.

Caio Porfírio Carneiro

PRIMEIRA
PEREGRINAÇÃO

São Paulo, 1º de julho de 1988

Aniversário. Hoje seria dia de bolo, velinhas e parabéns para você. Seria. Houve, em compensação, lauto almoço no apartamento do mano Manoel. E bolo com duas velas: número 60.

Minha mãe dizia que eu nasci naquela casa muito boa, propriedade do meu pai, lado da sombra, entre as ruas Clarindo de Queirós e Meton de Alencar, às 11 horas da manhã, na Fortaleza pacata de 1928. Vim ao mundo sob o signo de Câncer, primeiro decanato, e sexto filho de uma feira de dez.

E aqui estou. Nem alegre e nem triste. Apenas aqui estou, procurando curar uma faringite que me irrita e me deixa quase sem voz.

A homenagem que me emocionou, fora do círculo familiar, pela passagem destes meus sessenta idos e vividos, deu-se a 22 de junho, no salão da sede da União Brasileira de Escritores. Muita gente, exposição de fotos minhas entre amigos escritores, tiradas ao correr das última décadas, e lançamento de dois livrinhos fora do comércio — **Dias Sem Sol** (novela) e **Rastro Impreciso** (poesia). Publiquei-os para dar aos amigos. Coisas do coração, que há muitas coisas amadas em fundo de gaveta. Como nas minhas.

Aguardo, logo mais à noite, a inauguração da mesma exposição na Biblioteca Municipal "Mário de Andrade". Se mereço ou não pouco importa. Importam a lembrança e o carinho de tantos amigos queridos.

Devo olhar para trás e fazer um balanço da minha caminhada? Não sei. O que caminhei, caminhei. Aqui cheguei. E creio que fui digno da viva vivida. Neste instante penso em poucas coisas: nas mãos de minha mãe, paradas e sem vida, no leito do hospital; na namorada, à tardinha, esperando-me na esquina da Rua Liberato Barroso com Av. Barão do Rio Branco, e me pedindo, sem muito jeito, para não romper o namoro; e recordo a lembrança mais remota de minha vida: eu, despido, a baba a me descer da boca, uns três anos se tanto, brincando com carretéis de linha na marquise do nosso chalé, na Rua Tristão Gonçalves. Duas pessoas junto de mim, sentadas no chão. Creio que uma delas era a Dedé. E o sol, muito forte.

A tosse não pára. Chupo Cepacol e me preparo para ir à Biblioteca. Afinal estou lá exposto ao público através de fotos e de livros que publiquei.

Amanhã, às quatro da madrugada, com o mano Ricardo, minha prima e cunhada Maria de Jesus, os dois filhos mais novos do casal - Maria Clara (Mia) e Ricardo de Castro Carneiro Jr. (Cacá), e o sobrinho Mauro, filho da minha imã Maria - estarei viajando por terra para Fortaleza. Novo reencontro com as raízes, nestes sessenta anos completos de uma vida que não sei - nem penso - até onde irá...

Fortaleza, 7 de julho de 1988.

Choveu a noite toda. E neste manhã nublada, aqui da janela do apartamento do sobrinho Fernando, filho de minha irmã Livia, olhando o casario lá fora, desta Fortaleza que não é mais do meu tempo, faço esforço de memória e me vejo com o mano Luiz Mauro brincando na enxurrada barrenta, lá pelos idos de 1932, em frente à casa do sítio, no Pabussu (Caucaia), para onde papai se mandara com a família, buscando salvar os últimos tostões, que se foram na desastrosa "seca verde" desse mesmo ano. Todo o mandiocal perdido.

Antes dessa lembrança da brincadeira no barro mole, a chuva caindo a cântaros, no caminho tortuoso que passava em frente à porteira de entrada para o sítio e continuava para além da lagoa, nada me lembro de chuva. Algo me fixou esse instante, um ponto solto na lembrança, perdido e isolado, no quadro obscuro da infância remota. A água era barrenta e corria coleante, quase vermelha, nas valas do caminho. Eu e o mano Luiz nos encharcávamos de chuva e sujeira. Era o Luiz. Nem suas feições e nem seus gestos. Mas era o Luiz. A lembrança fixa momentos exatos.

E naquele exato momento, de uma manhã perdida, sujou de barro e lavados de chuva, nos esbaldávamos...

São 22,55 hs. Deitado nesta rede, no quarto de hóspedes da casa nova, espero o sono chegar. Demos um passeio pela manhã, eu e o mano Manoel, até o Riacho Cacimba. (Assim ele é conhecido. O nome verdadeiro, geográfico, é *Riacho dos Bois*, maior tributário da margem direito do Rio Acaraú.) Antes passamos pela capela, há meses fechada. Pedi ao mano que a abrisse, para ver, mais uma vez, a pintura inacaba que ele fizera, em 1933, na sala de entrada da Fazenda Caraúbas, do tio Chico. A parede, a duras penas, veio para cá. Decisão do sobrinho Junior e projeto de remoção do sobrinho Fernando,

Lá a parede estava, a pintura - grande mural - esmaecida, atrás do altar. Muita sujeira, duas corujas que nos olhavam, e marimbondos. O preço da nossa curiosidade foram ferroadas como estiletos de fogo. Duas na minha cabeça e outra no dedo. O mano foi agulhetado perto do olho. Fomos até o riacho, onde, ali próximo, mulheres batiam roupa, e na volta a minha cabeça e a mão ardiavam em brasa.

Muitas horas depois, agora à noite, a mão ainda me doi e os calombos na cabeça não são pequenos. Uma dor continuada, como me doeu, por dias seguidos, o joelho direito, na queda que levei numa corrida louca, sob o sol ardente, à entrada do chalé. Ninguém na rua e o cimento escaldava. Eu e meu irmão Luiz Mauro estávamos ao portão, olhando a Rua Tristão Gonçalves deserta àquela hora da tarde. De repente ele correu em direção ao alpendre. Fui-lhe ao encalço. Escorreguei e fui inteiro ao chão. Dois ferimentos sangrantes no joelho. Lembro-me que

chorei e não me lembro como mamãe os tratou. Ficaram-me duas marcas de ferida em cima da rótula. Levanto a perna da calça do pijama e olho. Nítidas. Parece-me apenas que se deslocaram um pouco para cima. Quase da minha idade, que a queda feia foi lá pelos idos de trinta e dois. E vejo-me esparramado no cimento quente, aos berros, e a sombra de alguém aproximando-se para me socorrer.

Esta a primeira queda, nítida, presente, que me deixou estas marcas, para que dela jamais me esquecesse.

Aqui no bar, grande tenda de palha no meio da praça, vejo logo adiante o mercado com pouco movimento nesta manhã de segunda-feira. Música suave e dolente do ótimo serviço de som que amplia a placidez do momento. Lá vem alguém de bicicleta. Redes pendentes, coloridas, à porta das lojas. O homem de óculos, penca de bananas maduras na mão. O homem gordo, cabeça alva, um capucho de algodão, pára e puxa conversa com o conhecido que vem em sentido contrário. E conversando ficam. Chia o disco no alto-falante e música mais alegre ressoa na manhã ensolarada. Entra a voz do cantor desconhecido, gasguita, nada do meu agrado.

Gasguitas eram as vozes infantis das minhas três irmãs — Rachel, Maria e Maria Lívia — pulando e dançando na sala de visitas do chalé. Pulavam e cantavam entre as cantoneiras com bibelôs. *(Interrupção para dar atenção ao gerente do bar, que se senta ao meu lado e conversa e conversa.)*

Retomo o fio da meada neste mesmo dia, agora à noite — 20:40 — deitado na rede, na fazenda.

Pois as três pulavam e cantavam. Janelas abertas para o jardim, para a rua. A voz das três ia quarteirão afora:

*Terra da Luz, teu maior brilho
ti vem do nome do teu filho...*

Das três irmãs, dessa época vivida no chalé, recordo ainda das brincadeiras delas não sei de que tipo, na areia solta da rua, junto ao muro alto do fundo do quintal da casa de Dona Olímpia, que dava a frente para a Rua 24 de Maio. Vejo o rosto da minha irmã Maria, gordo, toda ela gorda, suspendendo-me para sentar-me no batente alto junto ao muro, ensinando-me a pronunciar bem a palavra:

— Casa.

— Caxa.

— Não, não. C-a-s-a. C-a-s-a. C-a-s-a. Repita

— Caxa.

Associo este momento ao papai, na cadeira-de-balanço, lendo, sempre lendo, mamãe ao lado, e eu a aperseá-lo:

— Quero um tostão.

Ele não dava ouvidos. E eu impertinente, repetindo:

— Quero um tostão.

Ele levantou-se de repente, saindo do mergulho da leitura, contrariado:

— Julhinha, vou dar um tostão a este menino.

Levaram-me para comprar chocolate. Papel de estanho multicolorido a embalá-lo. Colecionei muitos desses invólucros. Eu os folheava e admirava e invejava a quantidade bem maior da coleção do Luiz, que um dia fez daquele monte de folhas lindas uma bola grande, bem redonda e pesada. Saiu a exibi-la.

Não sei que destino dei à minha pequena coleção.

Preparei-me para reassumir a velha função de secretário administrativo da União Brasileira de Escritores. Estou acostumado com ela. Vinte e cinco anos no exercício de um cargo que me deu muitos momentos de alegrias e contrariedades. Aborrecimentos extremos e extrema dedicação. Não sei porque me apeguei tanto ao cargo, pois me sobraram motivos para largá-lo. É o meu temperamento. Apeguei-me ao jornal **O Democrata**, em Fortaleza, e sofri ao deixá-lo; apeguei-me à **Panair do Brasil** (Firma Celso Nunes), na mesma cidade, e a ela dei minha saúde; apeguei-me à imobiliária do irmão Manoel, já aqui em São Paulo; à Rádio Piratininga; ao "Clube do Livro", ainda hoje no meu coração.

E continuo ancorado nesta sede da UBE, aqui no centro da cidade, à Rua 24 de Maio, 250 - 13o andar. Se eu recebesse a vintém as subidas e descidas que fiz nestes elevadores estaria milionário. Sinto-me já cansado. Dei, e creio que razoavelmente bem, o meu recado. E não sei até quando continuarei nesta cadeira. Sucedem-se diretorias e aqui estou. O tempo dirá...

O velho tempo. Longe vai ele levando o menininho, lá no portão do chalé, olhando curioso mulheres devotas acenderem velas em volta da cruz tosca, quase na esquina da Rua Tristão Gonçalves com a Meton de Alencar. A cruz ficava pontilhada de piscares luminosos, cabeças baixas rezando. Contaram-me que ali, anos antes, morrera um coitado, vítima de desastre de trem, quando os trilhos da estrada de ferro Fortaleza-Baturité ainda passavam por lá, em frente ao chalé que não existia, cortando areia frouxa rumo a Porangaba (Parangaba).

A areia, aos olhos e sob os pés do menino, continuava frouxa e suja. E naquela manhã, cedinho ainda, o menino via, com admiração, o filho de seu Doca Martins, quase rapaz, que morava em frente, vindo da bodega da esquina em rumo de casa (um bonde passava na Clarindo de Queirós), chutar com precisão um lata vazia. Andava e chutava. Novo chute seco e ela voava alguns metros. Já perto de casa, o chute foi maior, o vôo maior, e a lata foi cair perto da cruz. Lá ficou.

E eu admirado olhava, cedinho, na rua despovoada, aquela arte de chutar lata vazia.

São Paulo, 26 de julho de 1988

Aguardo o almoço. O frio está grande aqui dentro, na minha biblioteca, e intensíssimo lá fora. A temperatura caiu bastante de ontem para hoje. Examino, em lance rápido de olhos, o meu quarto, os meus livros cobrindo toda a parede. E recordo o meu velho lendo. Lia desvairadamente, sentado na cadeira-de-balanço ou deitado na rede, cabeça meio suspensa, pernas cruzadas, pés para fora. Mas não recordo de vê-lo lendo, uma única vez, no sítio do Pabussu, em Soure (Caucaia), para onde fomos, depois dos poucos anos (não sei quantos) vividos no chalé. Não recordo a viagem. Não sei como se deu a mudança. Dizem que me perdi logo na chegada. Foi uma enorme aflição. A mana Lívia quem me encontrou chorando, no meio do mato, agarrado a uns arbustos, perto da lagoa. Certamente o medo e o pânico me bloquearam esta aflição para o resto da vida.

Da lagoa lembro bem. E dela tinha medo. Talvez em consequência do que me acontecera logo na chegada. Uma lagoa meio sombria, sem fim aos meus olhos. Perto dela morava um homem que me apavorava com sua perna de pau. Passava vagarosamente frente à porteira do sítio, manquitolando — *toc, toc, toc...* — e eu recuava e me escondia atrás de um dos pés de romãs que se enfileiravam até à entrada da nossa casa, que era acachapada, espalhada, acolhedora, parece-me que um tanto escura.

Guardo desse período inúmeros fragmentos de lembranças, que se misturam, dispersam-se, justapõem-se, embaralham-se ou se destacam nítidos. A jaqueira, à esquerda da casa. A pitombeira, à saída do quintal rumo ao interior do sítio. Os pés de urucus, logo atrás da casa. O pé de pimenteira, ao lado do alpendre, à direita. Uma árvore grande e ferros velhos, espécie de carcaça de carro. Talvez de um automóvel. Ou a carcaça de veículo nunca esteve ali e para ali fora levada pelas recordações enganosas e tão remotas? O oitizeiro, como o fixo bem, lá mais adiante, no meio do sítio, num pequeno elevado, onde diziam que existia botija enterrada... Contam que minha irmã Maria sonhou com essa arca cheia de dinheiro. Escavações foram feitas em torno da árvore e... nada. Vejo também com nitidez a cruz, a grande crua, bem visível para quem vinha da cidade para o sítio. Seria a sepultura de um padre. De lá eu não me aproximava. Ou por lá passava correndo. E uma cantiga, em particular, me leva de imediato ao sítio do Pabussu, não sei se cantada por mamãe, Dedé ou outra pessoa:

Mulher, tu não te lembras das juras de amor...

Debruçava-me à porteira à tarde, trepava-me nela com o mano Luiz, e ficava olhando para uma casa não muito longe, de uma tal família Góis, ou então para as raras pessoas que passavam. E quando aparecia o homem da perna de pau, pulávamos da porteira e voltávamos para casa correndo.

São Paulo, 8 de agosto de 1988

Segunda-feira. O dia começa e começa a arrumação da casa. Dia de limpeza geral. A faxineira, juntamente com Dedé e a mana Rachel, arrasta móveis, tiram tapetes. Faço hora aqui no quarto, ouvindo a barulheira lá embaixo.

Logo mais irei ao banco, apanhar a magra aposentadoria. Mais que isto: magérrima. Reconhecimento do INAMPS pelos meus anos e anos de trabalho em favor da Pátria Amada Idolatrada.

Vou ao passado e vejo meu pai tomando rapé, espirrando, olhando para o sol, encostado à janela da sala da casa do Pabussu. Papai tomava rapé, aspirava-o com o polegar e o indicador, e espirrava muito.

E naquele dia tão longínquo vi-o em sonho tomando rapé. De repente ele correu, ergueu-me do chão, onde me achava sentado, e me pôs nos braços. Acordei noite alta nos braços dele, a casa em rebuliço. A cumeeira estalava. A grande viga, podre, dava sinais de que o telhado viria abaixo. Não recorro de que maneira fomos acomodados até o dia amanhecer. Recordo-me dos trabalhadores do meu pai, que cuidavam do mandiocal do sítio, e de outros mais, no esforço grande, pela manhã, para firmarem o enorme esteio de carnaúba, suporte vigoroso para sustentar a cumeeira. E ele ficou ali plantado no corredor, segurando lá em cima o teto.

Impressiona-me o fato de me recordar do que sonhava antes de me ver nos braços de papai. O sonho mais antigo que me ficou na memória.

Relembro os trabalhadores do sítio almoçando na mesa posta ali no alpendre. Pertinho, bem pertinho, do pé de pimenta malagueta. Um deles, escuro, forte, arrancava um punhado de pimentas, esmagava-as no feijão, e comia de colher com muito apetite. Admirado, saíam-me lágrimas dos olhos só de vê-lo saborear aquela comida tão apimentada.

E os retirantes... Os retirantes na casa-de-farinha. Uma família. Não sei se muito numerosa. Parece-me que cinco ou seis pessoas, entre adultos e crianças. Acomodados ali na casa-de-farinha. Eu não os via muito de perto. Tinha um certo receio deles, esmolambados, fugindo da seca.

Os retirantes se vão na lembrança fugidia e surgem sobre a mesa da sala de jantar as latas de doce mofado e os olhos entristecidos de mamãe. Ela, resignada, raspava lentamente, parece-me que com uma colher, a camada de mofo das latas de doce e mandava que nos afastássemos dali. Aquele doce, vim a saber depois, era para ser vendido, pequeno acréscimo à precária situação financeira da família.

Minha mãe. À tarde ela punha a cadeira perto dos pés de romãs, sentava-se e conversava e cantava. E dela eu não me afastava, ou para ela eu corria, porque era nessa hora que passava, manquitolando, o homem da perna de pau. Surge, imprecisamente, a figura de Nazaré, agregada da família, a ajudar Dedé. Dizem que bonita. E dizem que fugiu para se casar. De sua mãe, D. Rosária, vejo apenas o sinal, grande sinal no rosto.

Meu irmão Luiz Mauro gostava de correr e eu corria atrás dele. Mais velho do que eu dois anos. Eu perto dele me sentia mais protegido. Pois um dia ele correu à tardinha brincando com uma moeda na boca. De repente a engoliu. Tudo me escapa daí para a frente. Vim a saber

que a aflição de todos foi grande. Passaram a vigiar o mano. Ao defecar, acho que no dia seguinte, a moeda saiu limpinha, como limpinha e brilhando saiu da Casa da Moeda.

Luiz costumava chupar o polegar esquerdo e com a mão direito alisar o fundilho das calças. Recordo o dia em que chorando foi perguntar à mamãe se era verdade o que papai dizia: encontrara-o, por acaso, junto a uma touceira de bananeiras. Mamãe o consolou.

Do meu mano menor, nessa época, apenas recordação fugaz. Hesíodo Antônio contava dois anos apenas. Nada nítido. Das três irmãs, recordo-as brincando em torno da jaqueira ou junto aos pés de urucus, atrás da casa. Nada das horas de refeições. Nada da seca que arazou com o mandiocal do meu pai. É presente, porém, o perfil do belo cachorro Zepelim, correndo entre os pés de romãs. Nítido o passeio, longo para mim, ao sítio do meu avô materno, no Itambé, do outro lado da pequena cidade, e a volta, cansado e chorando, nos braços de Dedé, ao entardecer. Destaca-se outra figura nesse passeio. A tia Iza, estou certo de que era a tia Iza, irmã mais nova da mamãe, que estava conosco passando dias.

Terça-feira tranqüila. Sol lá fora. O frio se foi, mas em breve ele volta. E nesta manhã silenciosa vem-me à lembrança a farinhada, no Pabussu. Recordação um tanto esfumada: o grande forno, um braço levando e trazendo o rodo de madeira, na ponte da grande vara, para espalhar e torrar a farinha. Alguém, parece-me que a mulher da família de retirantes, a descascar as mandiocas. *Flashes* curtos e soltos. A lembrança viva, porém, do roubo do judas feito pelo mano Manoel, pendurado ali frente à porteira do sítio. Um bonecão bem feito, levado por rapazes do lugar. E a correria e eu espantado. Falaram que foram vizinhos do sítio em frente, os Góis, cuja casa se destacava da mataria, quando eu subia nos paus da porteira. Eu não entendia as conversas, mas assistia curioso a correria, e não sei, não recordo, se o judas foi recuperado.

Do Pabussu ficaram-me estes retalhos de lembranças. E, não sei por quê, saindo dos escaninhos das recordações, vejo papai e mamãe, após a chuva da manhã, passeando e conversando pela estrada, à frente do sítio, que à esquerda ia para Soure e à direita seguia para a lagoa.

Todos falavam muito da lagoa, dos banhos nela. Não sei se tomei banho. Guardo, da longínqua infância, a enormidade do seu tamanho, de relance. Tudo o mais, quanto à lagoa, me bloqueia, e ela não ficava longe de casa. Mas a ela associo, tragicamente, o vacábulo *lepra*, porque me diziam que o homem da perna de pau lavava o pé lá e ele era *leproso*, doença pavorosa. Nessa mesma

lagoa, anos mais tarde, banhei-me a valer, mas nunca a inocentei do estigma cruel.

De água mesmo, no Pabussu, água de chuva, água a correr, ficou-me a brincadeira da enxurrada, eu e o Luiz, sujos de barro dos pés à cabeça.

Não sei como voltamos a Fortaleza. Vejo-me, de repente, como num cinema, cheirando sabão escondido, deitado na rede, na casa da Rua 24 de Maio, quase esquina com a Domingos Olímpio, um quarteirão da outra, onde nasci. Ali, enrodilhado na rede, eu cheirava desesperadamente o pedaço de sabão com infinito prazer...

Domingo. Manhã de sol. A saúde não anda lá muito boa. Brônquios. É a poluição da cidade, que me maltratou a semana inteira. Hoje sinto-me melhor, expectorando muito. Por isso não fui ainda ver a 10a. Bienal Internacional do Livro, no Ibirapuera, e não sei como vai de movimento o estande da UBE,

Narinas entupidas. Não sinto odor de nada. Mas estavam bem desbloqueadas, lá na infância distante, para cheirar sabão. Não sei como o vício começou. Eu furtava um pedaço de sabão do banheiro e cheirava-o desbragadamente. Particularmente à noite, deitado na rede. Era um prazer nunca sentido. Cheirava o sabão desvairadamente, sem me satisfazer nunca.

De repente estou diante da minha mãe, ela acamada, de resguardo do meu irmão mais novo, José Júlio, e a repreensão medonha. Pegaram-me no vício, não sei quem, talvez a Dedé, sempre fiscalizadora. E ali fiquei, trêmulo, encolhido, os olhos duros de minha mãe em cima de mim, a promessa de surra, castigos para valer. Outras pessoas ouviam a reprimenda na obscuridade do quarto. Eu sozinho, centro das atenções. Acho que o vício terminou aí.

Da casa guardo poucas recordações. E, curioso, nada boas. Meninas da vizinhança, amigas das minhas irmãs. A bola de couro que, num chute mais violento vindo do campo de futebol em frente, ultrapassou o muro e caiu ali na rua. Alguém a apanhou e a chutou de volta ao

campo. As casas mais pobres e o final do calçamento, logo ali à esquina. A rua terminava praticamente no fim do quarteirão onde morávamos. Não muito distante uma venda pobre, parece-me que uma quitanda, na terra batida. Ah, a dor no pênis. Não sei porque o meu pintinho inchou, a cabecinha vermelha. Escondi a doença e sofri muito por isto. Inventei, para justificar o choro, dor no joelho. Mamãe, intrigada, examinava-o e passava óleo. Nenhuma inflamação. Nada. Certa vez, ao friccioná-lo, tocou de leve, sem perceber, no meu pintinho dolorido. Gritei. Ela espantou-se:

— O que é isto, meu filho?!

Silencieii. Amarguei sozinho o pus pingando da rola. Aflito, lavava minha calça curta e a perna, por onde o pus descia. À noite era um tormento de dor e ardência medonha ao urinar.

Consegui, não sei como consegui, esconder isto de todos. Milagrosamente a inflamação regridiu e se deu a cura. Não sei em quantos dias, mas sei que foram dias de aflição para mim.

Espanta-me o pudor, o exagerado pudor, aos quatro ou cinco anos de idade. Eu me banhava nu na chuva e no banheiro. Mas já haviam me inculido, certamente, certos pudores absurdos com relação ao sexo. E não sei se contraira doença venérea através de algum pano sujo ou se se tratara de irritação de fimose.

De certo esta passagem da infância, que me foi um tormento em grande solidão, me deixou quase uma aversão àquela casa, que na minha imaginação surge sombria, triste, nada acolhedora. Sem contar o vício de cheirar sabão...

Aquela casa, sem culpa, é um borrão negro da infância.

São Paulo, 9 de setembro de 1988

Nesta sexta-feira ensolarada, aqui diante da minha máquina, olho a pilha de livros para comentar e sinto desânimo. Não sei por qual deles começar. Não é tarefa fácil resenhá-los, quando se faz isto com um mínimo de seriedade. Não tenho coragem de escrever nada sobre um livro sem lê-lo com cuidado e anotar os pontos que considero fracos e os que merecem destaque. Muitos dos colegas, talvez a maioria, não se comportam assim.

E enquanto a disposição não vem, garatujo estas notas. Lá estou eu novamente no chalé, na Rua Tristão Gonçalves, para onde voltamos mais uma vez, depois da aventura de meu pai no sítio do Pabussu.

Não sei quantos meses ficamos naquela casa nada agradável da Rua 24 de Maio. Provavelmente poucos meses. Possivelmente, também, parte das reminiscências do primeiro período no chalé seja do segundo. Não consigo separá-las. Eu era muito criança. A cruz tosca a que me referi, quase na esquina da Rua Tristão Gonçalves com a Meton de Alencar, é lembrança fixa dos dois períodos. Aquilo era para mim uma curiosidade permanente. Com mixto de medo e fascínio, eu ficava longo tempo olhando aquelas velas acesas em torno da cruz e em torno das velas mulheres devotas rezando. Revejo a casa modesta, em frente à nossa, onde mulheres faziam chinelos, o lado de corda bem enrodilhada. E vejo com nitidez o ladrão, que pulou do quintal vizinho e caiu na área, junto ao

alpendre. Minha mãe, uma criança nos braços, trocou palavras com ele e ajudou-o a fugir, e ele caminhou devagar em direção à cruz, enquanto a atoarda de vozes - "Pega o ladrão! Pega!"- vinha dos lados da Clarindo de Queirós. Era um homem alto, desarvorado. Parece que estou vendo o seu olhar de espanto e aflição e mamãe conversando com ele na maior calma. Toda perseguição a ladrão, que vi, li ou tomei conhecimento pela vida afora, associa-me imediatamente àquele olhar pedindo socorro, que se fixou em minha retina.

Chega-me agora a lembrança da visita à serraria de meu pai. Parece-me que em tempo mais remoto, antes de irmos para o Pabussu. Levaram-me um dia lá. O zunir das serras na madeira, aquele vir e ir de operário, aquela barulheira infernal, deixaram-me apavorado. E o homem que serrava a madeira sorria para mim. Um *flash* apenas, perdido no tempo.

O corredor do chalé parecia-me de pouca claridade. Não me recordo bem do interior da casa, não sei o número de quartos. A beleza era a marquise, à esquerda da casa, acolhedora, sempre ensolarada. E a minha câmera entra pela sala de jantar, a de visitas, gira rapidamente pela cozinha e mais rapidamente pelo quintal. Teria árvores? Seria grande? O jardim, à frente e no oitão da casa, prolongando-se até junto à marquise, sinto-me ainda menino andando por ele. Os canteiros, contorno os canteiros, mas não sei que rosas minha mãe plantava neles.

De repente surge-me o jardim iluminado, a casa toda iluminada, muita gente, meninos - e eu continha a raiva - corriam entre os canteiros. É que meu pai, e eu não alcançava a dimensão daquilo, pusera tudo em leilão.

E lá vai dona Bonina, baixinha, andar desengonçado, saindo da sua casinha, nos fundos do quintal de dona Olímpia. Caminhei, certa vez, por esse quintal. Pareceu-me sem fim, quase uma pequena floresta de árvores frutíferas. A casinha de dona Bonina era enfeitada de flores, parecida com outras que vi mais tarde em livros de

figuras.

Fogem as flores e voltam os canteiros do chalé, pisados e desrespeitados naquela noite por meninos desconhecidos, que corriam, brincavam, e eu por ali perdido, a casa apinhada de gente estranha, vozes altas.

Sozinho, desamparado, encolhido, quase escondido olhava tudo, ali junto ao gradil da marquise.

Sábado de muito sol. Lindo. Ótimo para uma cervejinha logo mais, antes do almoço, ouvindo Orlando Silva ou Bing Crosby. Adquiri um belo *long play* com Gilberto Alves e Roberto Paiva. Vou ouvi-lo logo mais. Depois ele irá para a minha coleção de cantores da velha guarda. E preciso terminar a leitura de **Vãos do Coração**, de Aécio Flávio Consolin. Li ontem um ótimo ensaio crítico da Vânia Maria de Resende sobre meninos na literatura brasileira, para adultos. Fiz uma resenha caprichada. O livro merece. Sairá em breve no **Diário do Grande ABC**, o maior jornal da Grande São Paulo.

E até agora — que pena — o Brasil não conquistou uma única medalhinha nas Olimpíadas de Seul. Somos *sub* mesmo para valer...

E apesar da manhã límpida e de ter dormido bem, sinto-me um tanto cansado. Tomei parte no júri — eu, Luís Avelima e Celso de Alencar — do Concurso de Poesia Falada, promovido pela Biblioteca Municipal "Mário de Andrade". Três noites — segunda, quarta e sexta — ouvindo muita bobagem e pouca coisa boa. Discordei dos dois amigos na escolha do primeiro lugar. Uma poesia laboratorial, cosmética, sem mensagem, como toda criação que se vale da metalinguagem redundante e aleatória.

Mas o sol lá fora, a manhã clara, são o oposto da noite, lá no chalé, quando papai levou tudo o que havia dentro dela ao leilão. Eu aflito e sozinho. Vozes. Muitas

vozes. Conversas. Muitas conversas. Não recordo detalhes. Fixo-me nos canteiros, em frente à marquise, e meninos malvados, que não sei de onde vieram, a pisoteá-los. Uma violação sem tamanho. Estou ali em pé junto à marquise. Nenhum dos irmãos. Andariam dispersos pela casa, perdidos na multidão. E nem meu pai, nem minha mãe, nem Dedé. Ninguém. E mais gente chegando. As luzes jorrando para a rua e a casa sem dono.

Este o espetáculo mais estranho das minhas primeiras lembranças. Liga-se ele, como num sonho, à visão dos carregadores, creio que no dia seguinte, a levar móveis, cadeiras, tudo, E o chalé ficando vazio e maior. Lances rápidos do rosto de minha mãe e da figura fugidia de meu pai. Nada mais. Momento este tão importante e trágico da família, quando papai se desfez de tudo, em arremates de pregão, transforma-se, na reminiscência fugidia, em noite de espetáculo.

O bloqueio se desfaz quando me vejo, na seqüência cinematográfica das lembranças, sentado na boleia do caminhão, no colo de uma mulher adulta, certamente Dedé. A carroceria apinhada não sei de quê. Meus irmãos acomodados como podiam, na boléia ou lá em cima. E mamãe? Não sei se na boléia ou em cima. Vejo bem meu pai, chapéu de palhinha, parece-me que de branco, o caminhão deixando o chalé em marcha lenta e ele dando adeus. Eu o estou vendo dando adeus, e - tenho certeza - um adeus um tanto encabulado, e, depois, caminhando rápido para a esquina. Ia para o Rio — vim a saber depois — socorrer-se do irmão, meu tio Antônio. E nós lá íamos estrada afora, para a fazenda Pau Caído, dos meus avós. O caminhão sacolejava e eu me sentia pouco acomodado.

Nada guardo da viagem. Cenas dispersas, enganosas, por mais que force a memória. Ficou-me apenas, numa parada (era uma cidade), a figura um tanto gorda de um homem segurando a mão de uma menina e, com cuidado, procurava fazer com que ela lentamente subisse os degraus de entrada de uma bonita casa.

O corte muda para a casa onde ficamos, em Massapê. Uma mulher, que me assustava com sua voz firme, dava aulas a muitos meninos. Guardo o esboço de suas feições. A casa me parecia, talvez por isto, muito movimentada. A mulher se chamava Chiquinha Sátira, que mamãe pronunciava este nome muitas vezes.

Nada mais. A obliteração vai até a chegada à fazenda, que me estranhou a princípio. Casarão escuro, ao cair da tarde. Eu ali na calçada alta, passos silenciosos indo e vindo, todos adultos. Mata e vacas. Muitas vacas.

E os homens descarregando os animais.

Esta manhã domingueira é clara mas o casarão, na chegada, era escuro, estranho e nada acolhedor. O tio Francisco — alguém me apresentou ao tio Francisco — era quem comandava os homens na tarefa de tirar as cargas dos animais. Entardecia. Nunca vou me esquecer daquele entardecer. Mamãe conversava com meus avós e tias, pessoas distantes e estranhas para mim. Não me lembro se jantei e onde dormi. Recordo imediatamente a mana Livia, manha clara, na sala da frente, levantando a camisola e mostrando para mamãe as pintas vermelhas por todo o corpo, deixadas pelas pulgas.

As fixações são muitas desse período passado na fazenda dos pais do papai. Eu contava cinco anos, idade suficiente para guardar passagens descoordenadas, várias delas claras e nítidas.

O açude. Manhã bem cedo, creio que no dia seguinte à chegada, o mano mais velho, Manoel, levou-me a mim e o Luiz para vê-lo. E quando vi, quase voltei correndo, que o impacto foi enorme. Um mundo d'água. Nunca vira tanta água na vida. Lâmina silenciosa e sem tamanho. Para os meus olhos de criança de apenas um lustre de vida aquilo era um oceano.

Ficaram-me vários momentos do meu avô, um tanto perdidos na névoa: descendo do alto, onde se situava a casa-grande, em direção à casa de baixo, do vaqueiro José Valdevino, perto do açude; andando pela grande sala

da frente ou deitado na rede ali armada, descansando sua velhice. E os peidos enormes que soltava e me assustava. Foi quando vim a conhecer uma palavra difícil. Diziam que *vovô* sofria de *hemorroida*.

Minha avó perde-se muito mais na névoa espessa, balançando-se na rede, no canto da sala de jantar. Das três tias, tia Clarice é a que me surge com mais nitidez, fazendo rendas na almofada, os bilros a trançar nos seus dedos finos; ou no oitão, no vestido de cores vivas, para que o canário, solto e a cantar na tamarineira, a reconhecesse e voltasse à gaiola. De tia Nana e tia Francisca apenas duas sombras que vêm e fogem, e de nenhuma guardo, dessa época, gestos ou atitudes mais nítidas, que lhes dêem relevo.

Do tio Francisco o apavorante era o pé. A ferida feia a destacar-se e mamãe a lavá-la, a tratá-la com cuidado. Sua figura alta, creio que mal vestido, à moda sertaneja. Surgem-me vagamente suas feições. Recordo bem o dia em que ele, arma no ombro, chamou o cachorro, que diziam estar louco ou com uma doença qualquer, e por pouco não morde minha irmã Lívia, e lá se foram, o tio, a arma, o animal. Falaram que ia matá-lo. E por dias, vários dias, fiquei a temê-lo. Mas dele não recordo o retrato nítido. Apenas um homem, que entrava em casa e saía. Só uma vez, na fazenda Caraúbas, para onde fomos depois, e lá nos deu um espetáculo que adiante contarei, senti sua mão pesada acariciar-me a cabeça.

O seu quarto, pegado à sala da frente, para nós era um mistério. Lá nenhum de nós podia entrar. E era de lá que ele trazia o gramofone, à tardinha, e nos encatava a todos quando o disco chiava e a voz fanhosa enchia a casa:

Olha o boi, olha o boi

Que te dá...

Deixa a baiana na roda sambá.

Letra mais ou menos assim. Essa música era o deleite do mano Hesíodo Antônio, mais novo do que eu,

porque, a certa altura, saía do disco o berro de um boi:

Béééé...

Guardo da música esse pequeno trecho. Mas sempre que a cantarolo, o palco surge na memória: a sala ensolarada ao cair da tarde, a alegria geral, o mano Hesíodo batendo palmas de alegria.

Béééé...

São Paulo, 17 de abril de 1989

Longa interrupção. A mana Rachel, que mora comigo, sofreu, dia 13 de novembro do ano passado, uma hemorragia cerebral. Hospitalização, UTI, restabelecimento lento e penoso. Desordem em casa, com presença de enfermeira e contratação de cozinheira. A vida passando a correr aos atropelos e aos sustos.

Descobri, pela primeira vez, que a velhice começou a montar suas armadilhas aqui em casa e passei a pensar mais no meu próprio destino, sem, entretanto, preocupações obsessivas. Mas não parei de escrever e nem de trabalhar. Concluí novo livro de contos — **O Dedo e Os Dados** — e um outro da área juvenil — **Cajueiro Sem Sombra**. Li, escrevi resenhas e artigos, passei alguns dias na chácara do mano Manoel e entrei na rotina da vida, que tem que ser vivida.

A roda voltava a engrenar quando a Dedé, nossa segunda mãe, sofreu, à hora do jantar, uma esquizia cerebral. Para minha angústia, presenciei, de perto, os dois acidentes vasculares. Novo deus-nos-acuda, menos dramático, porém, que o da mana, porque o processo não foi hemorrágico. O mesmo hospital e as aflições menores. E a recuperação dessa criatura de Deus, que passou a vida a dar-se a si mesma, foi o braço direito da minha mãe e chegou à casa dos oitenta, processa-se, internada numa clínica, lenta e firmemente. Ontem visitei-a, e se o braço e

a perna permanecem fracos, o sorriso é o mesmo e mesmo também o brilho dos seus olhos.

Ponho-me, então, nesta manhã calma, começo de outono, a reler estas reminiscências de uma segunda infância lá muito longe no passado e nas minhas lembranças. A casa está em silêncio. A mana Rachel lê na sala; o mano Hesíodo, chegado de viagem e em véspera de partida, visita amigos nas vizinhanças. Espero o chamado do mano Manoel e do mano Ricardo para uma visita ao mano José Júlio. Tomar cerveja, neste feriado antecipado do Dia de Tiradentes. Esquartejado no dia 21, acharam de trazer a lembrança da forca e do condenado para esta segunda-feira. Vamos fazer a rodinha entre irmãos e conversar banalidades e discutir, em reunião de família, assuntos que dizem respeito à própria. À noite telefonarei ao mano João Batista, lá em Fortaleza. (Que saudade dos caranguejos da Praia do Futuro!) Vou transmitir-lhe o que se discutiu sobre a Dedé e pôr-lhe a par da situação física dela.

E lá vêm do passado as figuras do Vicente e do Gerardo. Filhos do seu José Valdevino e de D. Totonha. Eu e o mano Luiz Mauro descíamos o calçadão da casa-grande e, com os dois amigos, entrávamos no mato, morro abaixo, à caça de rolinhas. Eu, mais novo, apenas acompanhava. Brincávamos, não recordo bem o quê, mas guardo a figura espigada do Vicente à minha frente, e a do Gerardo, seu irmão, sempre a repuxar os lábios, num esgar esquisito, quase sorriso, sestro estranho, que me provocava admiração. Revejo também sua mãe, sentada no chão, na sala de jantar de sua casa, à porta do pequeno alpendre, a fazer chapéu de palha e a ralhar com o filho, para livrá-lo do sestro:

- Acaba com essa mania, Gerardo. Vai lavar essa boca, Gerardo.

Dos dois recordo, com nitidez, estes instantes, e outros poucos mais, difusos e fragmentados. E associo à figura do Vicente ao caminho sinuoso, ladeira abaixo, que ia da casa-grande à sua casa, quase à beira do açude.

Como se ele estivesse ali parado, sozinho na paisagem, para um retrato. O cacoete do Gerardo levou-me certamente a guardar-lhe as feições. Não sei, porém, o que me fixou a imagem do Vicente, despido da cintura para cima, à minha frente, na descida para o açude, sozinho na bela paisagem.

Dia de Tiradentes. O feriado foi antecipado para segunda-feira. E estamos na sexta. Sol lindo e manhã fria e outonal. O céu, um azul uniforme, lavado, como, nas minhas recordações, era o céu da fazenda. Não me recordo de chuva. Volta-me nítida a figura de D. Totonha, fazendo chapéu de palha, trançando as tiras nos dedos numa velocidade espantosa. Com mais rapidez ainda trançavam-se as tiras de palha nas mão hábeis da Pautilha, filha dela, irmã dos dois amigos. Eu me postava embevecido ao cair da tarde, ali no pequeno alpendre, os olhos naquele trabalho que me deslumbrava. E vem aos ouvidos, com nitidez, a voz de D. Totonha, indiferente às próprias mãos, cujos dedos praticamente eclipsavam-se na rapidez do trançado das tiras de palha:

*No dia do meu casório tinha vinte cavaleiro
Tudo contando história lá do Rio de Janeiro
E de quando em quando seu Mané Ribeiro
De cigarro aceso e soltado o fumaceiro...*

A memória leva-me dos chapéus aos dedos da tia Clarice a embaralhar os bilros, fazendo renda sobre a almofada posta num banco ali à sua frente. Eu e meus irmãos em volta dela e ela, magra e silenciosa, a jogar bilros de uma mão para outra, indiferente à nossa presença, sem a mesma agilidade de D. Totonha e Pautilha nos chapéus de palha.

E agora me vem, esgarçada, menos que uma figura, a sombra de seu José Valdevino, pai dos dois amigos. Fugidia, imprecisa. Soube que era o vaqueiro do meu avô.

Um homem alto. E só. Não o vejo conversando e em nenhum lugar preciso. Apenas uma sombra. Como também não é preciso o vulto do negro Antônio, espécie de criado da casa-grande. Era negro e os *flashs* negros vão e vêm. Guardo dele apenas um detalhe: subindo numa árvore. Vim a saber que era muito amigo do mano Manoel, companheiros de estripulias.

Aqui na minha biblioteca, nesta manhã bela de domingo, espero o mano Manoel para uma conversa mole e alguns copos de cerveja. Um sol lindo, como o sol, já escaudante às 10 da manhã, a reverberar como espelho sobre a lâmina do açude da fazenda Pau Caído. Eu, irmãos e irmãs, todos nus (exceção do mais velho, já rapazinho), no banho com muito alarido. Recordo a mana Rachel procurando puxar-me pelo braço para parte mais funda, e eu, apavorado, resistia, a água apenas alcançando-me os joelhos. Ela insistia e eu recuava.

Dos banhos no açude a memória me guardou este episódio, e vagamente a figura, parece-me que da Dedé, ali próxima, não sei se nos vigiando ou lavando roupa.

Guardo do riacho, que serpenteia a fazenda (Riacho dos Bois, maior afluente da margem direita do Rio Acaraú) pinceladas dispersas. De nítido, as pedras do seu leito, as oiticicas que o ensombream e a areia fina entre os fios de água coleante. E o quadro perfeito de mamãe, à tardinha, sentada numa das pedras roliças, em conversa sussurrante com a Dedé. Mamãe mostrava-se contrariada. Vim a saber muito depois que fora desentendimento com minha avó. Coisas de família.

Associo o riacho ao cajueiral pejado de frutos maduros, ali do outro lado dele, onde apanhávamos cajus em quantidade e os chupávamos a fartar. Associo também a cruz, a meio caminho do alto da casa-grande ao riacho.

Eu a olhava sem compreender o seu significado. E com certo pavor. É que me disseram que ali fora enterrado um retirante, morto de inanição, na grande seca de 1877. Eu não sabia bem o que era uma seca, apesar de tê-la vivido e a compreendido em parte através dos olhos do meu pai, no sítio do Pabussu, em Soure, em 1932.

Se o riacho me leva ao cajueiral, nada recordo da bela baixa de coqueiros a se estender para além da parede do açude com o seu oceano de águas mansas, no qual eu entrava para o banho, temeroso, até senti-las me alcançar os joelhos.

São cinco horas da tarde e faço hora para o jantar. Fui, juntamente com o Manoel, Rachel e a cunhada Mariazinha, visitar a Dedé na clínica onde se restabelece da esquizofrenia cerebral que sofreu.

E aqui, de volta, reato o fio das recordações e vem a relevo o quadro mais vivo que guardo da fazenda.

Era um novilho elegante, imponente. Soube depois ser meio razeado de zebu. Bravo. Quase feroz. Corria altaneiro e não se deixava domar.

Naquele cair de tarde, laçaram-no, não sei como, ao tronco da tamarineira, no oitão da casa-grande. Uma festa e muitos sustos. Muita gente, quase uma multidão, assistia da porta da sala de jantar, da janela do quarto e do oitão, os pinotes violentos do animal para se libertar. Aquilo me fascinava e me amedrontava. E ali fiquei observando o espetáculo, a ferocidade do novilho para se soltar.

De repente um papouco: a corda se partiu e lá se foi o belo animal em disparada rumo ao riacho. Correria, movimento grande em casa. E mais nada. Tudo se obscurece na lembrança, para se aclarar quando o novilho, preso no curral ao lado da casa, manhã alta, buscava novamente a liberdade. Preso ali certamente depois de dias e muita luta. Sol forte. Meu avô - é quando vovô mais se destaca — a passear pela sala de fora, a andar na calçada alta. Muitos homens. Eu não compreendia bem aquela movimentação toda. Lembro-me da arma, uma arma enorme aos meus olhos, na mão do

tio Francisco. Destaca-se depois, em tomada rápida, meu avô andando na sala, em direção a uma mesinha, e pronunciando para si mesmo este começo de frase:

- O novilho...

Falava só, olhos no chão.

Há toda uma história fascinante sobre a morte do novilho, fuzilado a rifle no curral da fazenda, esquartejado em mantas de carne gorda, na qual entra meu tio Chico, marido da tia Maria, meio alcoolizado. Dele, porém, do belo animal garboso, recordo apenas estas passagens. E se destaca rápida, sempre que se toca no assunto, em recordações de família, a silhueta alta do meu avô, andando na sala, olhos no chão:

- O novilho...

Feriado morto. Primeiro de Maio numa segunda-feira transformou o final de semana em feriadão, a cidade vazia. A rua silente, morta. Calma total nesta manhã nublada.

E nada me vem, do fundo das recordações, da viagem que minha família fez do Pau Caído `fazenda Caraúbas, do meu tio afim Chico Araújo, casado com tia Maria, irmã do papai. Vem-me ao vivo, de pronto, a manhã clara, o pequeno alpendre à frente da casa, a vista bonita do açude, mundo d'água bem maior que o do Pau Caído, e alguém entrando e exibindo uma feira de peixes presos pelas guelras numa haste fina.

O açude uma beleza e uma enormidade. Não apenas para os meus olhos de criança. Deslumbrou-me a vida toda.

Não recordo dos banhos tomados nele. Vejo, porém, perfeitamente, o Chico Farrapo, filho de criação dos meus tios, em nado ligeiro açude a dentro, até muito longe, lá onde afloravam das águas a touceira verde de canaranas. Como uma ilha. Assombravam-me os cangapés acrobáticos do Chico e a pancada violenta da perna, espargindo água, assustando a todos, fazendo-me recuar para longe da beira do açude. Associo os seus banhos e artes dentro d'água às piranhas. Diziam que existiam muitas e elas comiam gente. Eu as vi mortas sobre a areia e delas tinha pavor.

Lapsos dispersos do ambiente da ótima casa da fazenda. Muita claridade. Pessoas. Não sei em que quarto eu dormia. Vejo rapaduras empilhadas e, com muita nitidez, o largo alpendre à direita da casa. Desrebocado, chão batido, capim solto e espalhado, e um belo animal a comê-lo. Eu temia andar naquela puxada rústica agregada à casa, mas a olhava com curiosidade, debruçado ao parapeito do pequeno alpendre de entrada.

E vejo ainda, vagamente, logo ali junto ao alpendrão inacabado, o curral e muitas cabeças de gado.

São Paulo, 8 de maio de 1989.

Curando-me desta gripe, nesta segunda-feira friorenta, olho, através da janela, o cair da tarde e o céu de nuvens pesadas. O inverso da claridade da Fazenda Caraúbas. Conservo sempre dela muita claridade.

Não sei quanto tempo, ou se semanas ou meses, passamos lá. Devo ter gostado muito, porque as poucas recordações que tenho dela sem exceção são alegres.

Destaco, com precisão, o dia em que, na garupa do cavalo do tio, vindo não sei de que passeio, ele parou o cavalo perto de uma árvore, apeou-se, mandou que eu o esperasse, dirigiu-se ao tronco rugoso e acorçado e disfarçando-se, de costas para mim, retirou a garrafa de entre as raízes e folhas secas e tomou alguns goles pelo gargalo. Voltou, montou, marchou rumo de casa.

E agora estou tentando explicar à mamãe e à tia Maria, sem sucesso, e a outras pessoas adultas em volta de mim, o local onde o tio escondia a garrafa. Certamente eu batera com a língua nos dentes.

Se falei que todas as lembranças da Fazenda Caraúbas são alegres, esta passagem, rápida na memória, talvez seja a única um tanto aflitiva. É que me interrogaram muito e eu não sabia indicar direito a direção. Sabia que a árvore ficava perto de casa. E alguém andou me levando pela mão, correndo as redondezas, sem resultado, para que eu a identificasse.

Vim a saber, com mais idade, que o tio Chico, vez ou outra, entrava na carraspana brava e se transformava num D. Quixote sertanejo, correndo as vilas, alegre e falador, só ele e seu cavalo.

Alto e magro, andava pela casa em passadas ligeiras, conversando alto, e comprovei depois que era um homem muito bom.

Suspendo a leitura dos fraquíssimos trabalhos de mais um concurso de contos, do qual — juntamente com Guido Fidélis e Henrique L. Alves — sou membro da comissão julgadora, para reatar o fio destas primeiras lembranças. E ali está, na sala da frente, nas Caraúbas, o mano Manoel, com muita paciência, pintando estrelas e um belo arco na vasta parede. Fascinava-me aquele trabalho, aquelas cores vivas alegrando a parede como um arco-iris. Ninguém me explicava o que era aquilo, o que pouco me importava. Importava-me a beleza que se delineava.

Dias depois, talvez dias depois, aparece muita gente para admirar a obra do meu irmão. Muitas se ajoelharam e rezaram.

Então me disseram que aquilo que o mano fizera era uma espécie de altar, algo que o aproximava de Deus. Passei a respeitar a criação artística, misto de encantamento e receio.

E lá de um dos escaninhos da memória me volta, de repente, o tio Francisco, irmão do papai, chegando a cavalo ao entardecer. De todas as recordações esmaecidas que guardo dele esta é a mais viva. Sentou-se na cadeira, no oitão da casa, cercado pelos adultos e sobrinhos. Postei-me bem perto dele. Chapéu e chicote na

mão. E aquela espora. Vejo bem a espora, roseta grande. Bebeu um copo d'água em dois goles apenas. Aquilo para mim foi um alvoroço. Fizemos coro para que ele bebesse outro copo d'água. Pedi:

— De um só gole.

Não foi de um só gole. Mas deixou descer goela abaixo, sem tomar fôlego, três quartas partes da água do copo. Um feito de assombrar.

Talvez por isto, porque a admiração por aquele tio crescesse tanto, quase vejo suas feições, sua roupa cor de cáqui, a espora - aquela espora-de-roseta brilhando no pé. Não sei se estava de bota ou alpercata.

É a penúltima lembrança, a mais fiel, que guardo desse tio. Nunca mais o veria.

Faleceu muito moço.

A mesma manhã cinzenta paulista. E dentro dela reato o fio da memória e me chega, esgarçadamente, a volta ao Pau Caído. A manhã era clara e descemos dos animais na calçada alta do casarão. Movimentação na sala, porta e janelas escancaradas. E frutas, não sei porque frutas, parece-me que em caçuás, melancias a destacar-se entre elas.

Novos pequenos momentos vividos na fazenda, lampejos fugidios, que vêm e vão, não se encadeiam. E não sei, por isto, se muitos deles não se passaram antes da temporada nas Caraúbas.

De uma passagem, após a volta ao Pau Caído, lembro-me bem. E esta se passou bem próximo ao retorno à capital. Porque papai estava ao meu lado. E ele fôra à fazenda para nos buscar.

Eu e meus irmãos, em alarido, íamos ao banho no açudinho. Pouco mais que um poço, parede estreita, mata fechada e águas um tanto escuras. Disseram-me que escravos do meu avô quem o construíram.

No caminho estreito para lá, papai parou, quebrou um galho de árvore e me chamou:

— Caio!

E ele me entregou a pequena haste com poucas folhas. Na ponta dela uma pequena bola cor cinza, pouco

maior que um ovo de codorna. Fiquei a admirar aquilo e a mostrar aos irmãos. Apertei a bola. Meio fofa. Papai esclareceu:

— Isto é trabalho das cigarras.

Exibi o troféu a todos o dia inteiro, e não sei que destino lhe dei depois. Esta a penúltima lembrança, mais ou menos precisa, da fazenda. Já a última, imprecisa, é do meu irmão Luiz Mauro recebendo no lusco-fusco da manhã uma moeda das mãos do tio Francisco, seu padrinho de batismo. Era a hora da partida para a capital. Chegou-me aos ouvidos que era muito dinheiro, parece que mil-réis. Uma moeda bonita, cor de ouro velho. E dessa temporada na fazenda dos pais do meu pai de nada mais me lembro. Não me recordo nem mesmo da viagem de volta a Fortaleza, que minha mãe comentaria durante muito tempo, afirmando sempre que fôra longa e estafante.

Rememoro, neste sábado de manhã tão fria como ontem, a casa onde nos instalamos em Fortaleza, na volta do Pau Caído. Soube depois que era uma pensão. Se não recordo a viagem, daquela casa, parece-me que ajardinada, lembro bem. Muitos quartos, muita gente, sala ampla. Próxima ao centro da cidade, que o trânsito de veículos e pessoas na rua era grande. Eu olhava tudo aquilo com grande admiração. Não sei onde eu dormia, e vagamento flutua o vulto de minha mãe. Meus irmãos (não sei se todos estavam conosco ou se ficaram alguns em casas de parentes) não aparecem. Fica-me apenas o passear de um homem meio gordo pela vasta sala. Certamente um hóspede. E havia pássaros. O papagaio vejo bem na paisagem confusa de pessoas andando pela casa.

Quero crer que ali ficamos pouco tempo. Não sei. Não sei também se papai lá se hospedara. Sei perfeitamente que um dia, após o almoço, uma carroça parou em frente ao pequeno jardim de entrada. Jardim ou algo parecido. E mamãe e outras pessoas passaram a conduzir tudo para a carroça. De certo todos os pertences da família, reduzidos a uma quantidade suficiente para que uma carroça a suportasse. Parece que estou vendo o carroceiro, moreno, ágil, reclamando sempre não sei de quê.

E estou eu, de repente, na casa ampla, vazia, clara, paredes altas. Antes, o caminho pelas ruas da cidade. Acompanhei a carroça a pé, não recordo se o percurso

todo, se me acomodaram em cima dela entre os trastes ou se fui levado por outro meio de transporte.

Estou ali naquela casa comprida, imprensada entre outras iguais. Abri a porta, olhei a rua e a rua era larga, deserta e muito sol.

Mamãe me disse que aquela rua bonita, silenciosa àquela hora, muitas casas boas, chamava-se Avenida D. Manuel.

A manhã, neste domingo, assemelha-se à de ontem e à de anteontem. Tempo indefinido: ora chove, ora sol tímido, e o frio presente. Mais de trinta anos em São Paulo e ainda não aprendi, e não aprenderei nunca, a conviver com este clima, embora suporte o frio muito bem e me sinta mais saudável com ele do que com o calor. O calor daqui é de estufa, nada igual ao calor seco e agradável da minha terra: aquele calor com muito sol, como o daquele dia em que eu, da porta da rua, espiava a arborizada Avenida D. Manuel.

Da casa, as lembranças não são muitas. Ela se mostrava espaçosa porque não tínhamos móveis. Tudo o que a família possuía chegara naquela carroça. E as trouxas foram acomodadas pelos cantos dos quartos. Nem sei se havia mesa. Eu mais vagava pela casa do que brincava nela. E me parece que era o mesmo o comportamento dos irmãos. A não ser o que aconteceu naquela tarde escaldante. Idéia luminosa do irmão mais velho Manoel. Mandou que eu e o Luiz apanhássemos nas coxias o maior número possível de pontas de cigarro. Enchemos os bolsos de tocos das mais variadas marcas. Manoel - *Manelzim*, como o chamávamos - fez então um grande charuto, enrolando as pontas de cigarro, com habilidade, em papel de embrulho. E fumou gostosamente. Permitiu que eu e o Luiz déssemos

algumas tragadas. Saiu-me fogo dos olhos. Engulhei com o gosto forte da nicotina e cuspi a valer.

E vem a figura sempre humaníssima do meu pai e abre caixas bonitas de papelão, que vim a saber serem amostras da representação de café solúvel — *Cafsol* — que ele conseguira na viagem que fizera ao Rio de Janeiro, enquanto estávamos na fazenda, para se socorrer dos desastres financeiros junto ao seu irmão, tio Antônio, bem situado na vida. Tomei conhecimento, anos depois, que o *Cafsol* fôra o primeiro café solúvel do País e que papai, desalentado e desnorteado, não levara a representação à frente. O mostuário, tão bonito, tivera algum outro destino.

Minha idade — cinco anos — dava-me já os primeiros sinais de noção, ainda imprecisa, é verdade, do desastre que se abateu sobre nós. Porque eu via, de relance, móveis belos e cadeiras boas na casa vizinha, lembrava-me dos móveis do chalé, e papai comprou na porta de casa, recorro como se fosse hoje, do vendedor ambulante, alguns tamboretas; porque mamãe me chamou a mim e ao mano Luiz, experimentou-nos camisas usadas do papai e, com paciência, agulha na mão, fez roupas desajeitadas para nós dois. Vestiu-nos e saímos para a rua. Ela logo nos pôs para dentro, quando nos comparou com o que os garotos vizinhos vestiam. E aquele almoço... Papai, acorçado, dava-nos na boca, para mim e Luiz (não recorro se para os outros irmãos, mas certamente também), colheradas de farinha com açúcar.

Se da casa em si as recordações não são muitas, são precisas as lembranças de momentos lá vividos. Ali está a figura de um homem conversando com meu pai na sala, sentados nos tamboretas. O seu talhe robusto, corado, e o seu nome — Gervásio Gurgel —, depois pronunciado muitas vezes, até com respeito, porque mamãe dizia que ele era o dono da casa.

A Dedé e sua mão ferida — ferida feia — e eu ao

lado dela pelas ruas da cidade, acompanhando-a ao curativo. E sempre que ouço ou leio o nome *panarício* lembro da Dedé com sua mão enfaixada.

Eu, aos poucos, começava a ver o mundo e a encontrar sentido no que os adultos falavam.

São Paulo, 1 de junho de 1989

Manhã tranqüila nesta quarta-feira. Tranqüila para se reatar o fio das lembranças. Por mais que vasculhe os desvãos da memória não recordo o dia em que nos mudamos da casa do seu Gervásio Gurgel para uma outra enorme, quintal imenso, próxima ao centro da cidade. Fica-me, dessa época, como última reminiscência: o Parque da Criança, creio que de inauguração recente, e que me provocava admiração, olhando-o de fora, através dos gradis de ferro, acompanhando a Dedé, com a mão enfaixada, a caminho do local para o curativo.

A casa era uma dessas de alugueis caros, ali na altura da Rua Senador Pompeu ou General Sampaio. Com todos nós foram certamente os poucos trastes, crescidos de volume com os tamboretas.

Nessa beleza de casa avarandada recordo bem que ficamos um ou dois dias. Tempo curto mas que foi para mim um encanto e um deslumbramento. E de certo para a irmandade toda. Parece que estou vendo a minha irmã Maria Lívia, a mais nova das três, brincando de cozinheira naquela beleza de quintal, verdadeiro pomar de árvores frondosas. Parece que estou vendo a mim mesmo deitado na rede, não sei se no quarto ou no corredor, mas num espaço muito amplo, que naquela casa tudo para mim não tinha medida.

O açude da fazenda do meu avô me fascinou. O riacho, correndo entre pedras lisas, me fascinou. Fascinou-me o açude sem fim da Fazenda Caraúbas. E agora, após o quase medo da pensão, em Fortaleza, e os dias nada alegres da casa da Avenida D. Manuel, esta outra casa imponente, livre de móveis para se correr à vontade, veio a ser o meu novo fascínio. Que durou pouco. Nada mais que uma ou duas noites. Iríamos para nova casa, para o meu desencanto.

Só mais tarde, bem mais tarde, viria a saber que meus pais ali se instalaram - e logo desistiram, por absoluta impossibilidade financeira - para transformar o meu fugaz paraíso numa casa de hóspedes.

São Paulo, 1 de junho de 1989 - (Meia hora após a sesta do almoço)

Entro naquela casa estranha da Rua 24 de Maio, um quarteirão antes da outra onde morei e onde cheirei sabão. Corredor comprido e um tanto escuro. Fui até o quintal. Pequeno. A casa comprida, o corredor uma tripa, em comparação à casa enorme que me acolheu por tão pouco tempo.

Vim voltando, olhando os quartos. As lembranças são nítidas. Os dois degraus logo após a porta de entrada. A sala de visitas. Paredes altas. Embora maior, assemelhava-se à casa do seu Gervásio Gurgel. E móveis. De onde vieram?

São muitas as lembranças. Embaralham-se, superpõem-se. Mamãe pôs a mão no meu ombro, à altura de um dos quartos na penumbra, à esquerda do corredor, talvez o primeiro, a alcova:

— Aqui você nasceu, meu filho.

Eu caminhava para os seis anos de idade. O mundo e a vida adquiriam para mim, mais e mais, contornos novos.

Daquela casa eu saíra nos braços de alguém, com um ou dois anos de idade, para o chalé e para o despertar

da minha mais remota lembrança: eu, despido, brincando com carretéis de linha, na marquise.

Para ela eu voltava, vencidos os primeiros passos e alcançada a idade onde as recordações se encadeiam continuamente e onde começa a verdadeira infância.

Concluía o ciclo da primeira peregrinação.

— Aqui você nasceu, meu filho.

O destino me levava de volta àquela casa da Rua 24 de Maio, nº 438, para de lá dar início à minha infância verdadeira, com tropeços aflitos e momentos alegres, ao longo de outras peregrinações por sucessivas casas de aluguel, sempre dentro da geografia estreita do mesmo bairro, que não ultrapassaria a Praça São Sebastião, da minha Fortaleza dos bondes, do rádio e dos pregões de rua.

Desci dois degraus, abri a porta e olhei a rua. Ali próximo os trilhos de bonde.

E quase em frente, na ponta da calçada, um poste de lampião de gás.

Endereço para correspondência:
Caio Porfírio Carneiro
A/C João Scortecci Editora
Caixa Postal 11481
05422-970 - São Paulo - SP